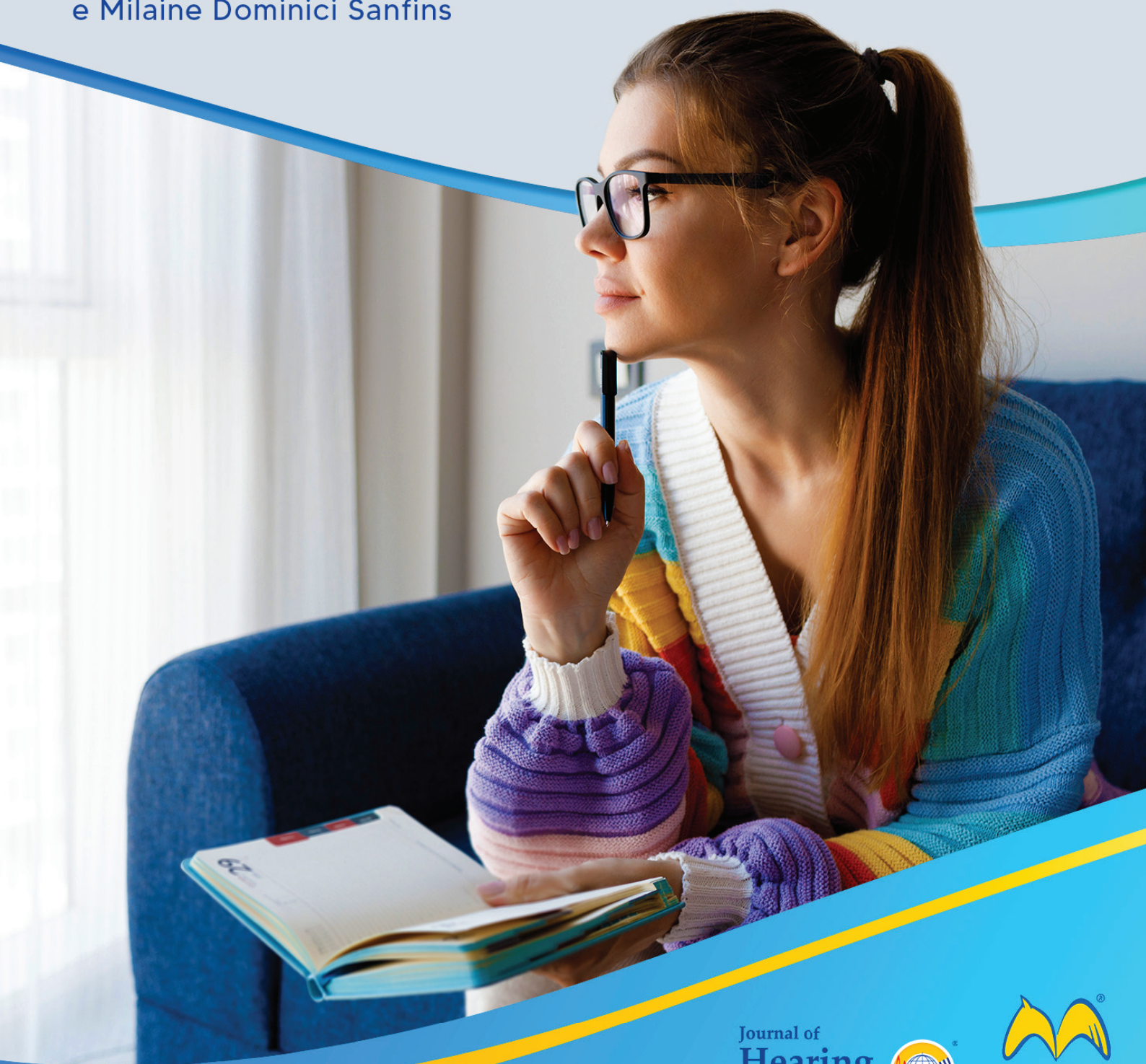


BOLETIM 2023

NEURODIVERSIDADE: A IMPORTÂNCIA DESTA TERMINOLOGIA NA EDUCAÇÃO E NA SAÚDE

Fabiola Ferrer Del Nero Mecca,
Piotr Henryk Skarzynski
e Milaine Dominici Sanfins



Journal of
**Hearing
Science®**




MEDINCUS®

Neurodiversidade: a importância desta terminologia na educação e na saúde

Fabiola Ferrer Del Nero Mecca, Piotr Henryk Skarzynski e Milaine Dominici Sanfins

O mundo está evoluindo o que demanda uma maior compreensão dos novos valores e conceitos. Um tema em pauta, que precisa ser amplamente discutido dentro do contexto da saúde e da educação é a neurodiversidade. Refletir sobre a neurodiversidade é indubitavelmente uma questão positiva e necessária na sociedade atual.

PARA SE FALAR EM NEURODIVERSIDADE FAZ-SE IMPORTANTE A COMPREENSÃO DE ALGUNS TERMOS E CONCEITOS RELACIONADOS AQUI E QUE SERÃO UTILIZADOS NESTE INFORMATIVO.

Neurotípico:

pessoa cujo funcionamento cerebral **não difere** da média da população normal;

Neurodivergente: pessoa cujo funcionamento cerebral **difere** da média da população normal;

Neurodiverso: caracteriza **toda a população**, não um indivíduo específico e se refere a um grupo de pessoas com diferentes tipos de funcionamento cerebral.

Transtorno do

neurodesenvolvimento:

alterações neurocognitivas que podem interferir com a aquisição, retenção, ou aplicação de habilidades ou conjuntos de informações específicos. Eles podem envolver disfunção da atenção, da memória, da percepção, da linguagem, da solução de problemas ou da interação social.



MAS O QUE É A NEURODIVERSIDADE?

De um modo simplista, o termo neurodiversidade se refere às variações naturais no cérebro da população. Isso inclui (mas não se limita) às condições como autismo, dislexia, TDAH, entre outras. O termo neurodiversidade se distancia do entendimento do indivíduo ser portador de um transtorno do neurodesenvolvimento (condição patológica) e reconhece que existem diferenças entre os indivíduos na maneira em que processam, percebem e

interagem as informações.

Nesse sentido, as pessoas que são neurodivergentes ou distintas em outras dimensões neurocognitivas são reconhecidas como parte normal de uma variação.

Ao se utilizar o termo neurodivergente está se rejeitando a noção de cérebros normais ou saudáveis ou um estilo único e certo sobre a cognição.



O termo neurodiversidade se afasta da condição patológica do indivíduo e se aproxima de um modelo no qual os padrões de normalidade são determinados por paradigmas sociais e não biológicos, portanto, não havendo o reconhecimento à diversidade e a diferença de indivíduos. Inicialmente, o termo

O TERMO FOI DESCRITO, EM MEADOS DO ANO DE 1998, PELO JORNALISTA HARVEY BLUME QUE MANTINHA CONTATO COM AS PESQUISAS DA SOCIÓLOGA JUDY SINGER. SINGER, POR SUA VEZ, UTILIZOU A NOVA TERMINOLOGIA EM 1999 COM A FINALIZAÇÃO DE SUA TESE.



neurodiversidade teria sido cunhado para os casos de pacientes com transtornos do espectro autista, porém, nos dias atuais esta nomenclatura traz uma ideia mais generalista e ampla (dispraxia, dislexia, discalculia, transtorno do espectro autista, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, dificuldades de saúde mental entre outros).

Diante disso, existe uma nova abordagem no que se refere ao sistema de educação especial considerando a neurodiversidade, visto que, um indivíduo neurodiverso pode ter uma dificuldade em uma determinada habilidade de sua vida, enquanto que, em outros aspectos não são identificadas alterações. Para exemplificar, pode-se pensar em um indivíduo autista que apresenta dificuldades na comunicação interpessoal e/ou no relacionamento com seu colega de trabalho, no entanto, quando sua função demanda atenção plena para atuação e programação de softwares de computadores apresenta uma boa habilidade de execução, podendo até superar a performance de um indivíduo neurotípico.

Pesquisadores apontam que um dos ambientes mais desafiadores aos indivíduos neurodiversos é o escolar. Nem sempre as escolas estão adaptadas para proporcionarem aos alunos formas diferenciadas de ensino e aprendizagem. Muitos ambientes educacionais ainda se utilizam de modelos curriculares únicos aplicados para todos os alunos e desconsideram a necessidade de individualizar o ensino,

gerando um ambiente de aprendizagem hostil e desfavorável para o aluno.

Nesse contexto, os prejuízos para os indivíduos neurodivergentes podem ser ainda maiores. Uma publicação recente do jornal New York Times relata como indivíduos neurodivergentes podem se utilizar e se apropriar de vias distintas para elaborar e processar o pensamento.

Utilizar-se somente de elementos verbais (como a fala do professor, a leitura de um capítulo) pode não ser suficiente para que o aprendizado ocorra. Indivíduos neurodivergentes talvez necessitem de informações visuais que facilitem a estruturação do pensamento e facilite o processo de aprendizado.



Outros elementos como planejamento e organização, flexibilidade cognitiva, ansiedade, distração em sala de aula, automonitoramento e tantos outros ainda devem ser considerados e contemplados em um modelo de diferenciação de ensino.

Sem dúvida ainda há muito que se discutir sobre este tema tão importante, a neurodiversidade. Compreender as individualidades e diferenças de forma mais ampla são fundamentais para a sociedade atual. A falta de compreensão pode restringir a obtenção de apoio de todas as entidades envolvidas no processo de aprendizagem que, por sua vez, quando cientes da condição de cada aluno, poderiam criar ou desenvolver ferramentas

e estratégias auxiliares no processo de ensino. Compreender individualidades e diferenças permite a socialização e a participação de todos os indivíduos na sociedade.

Futuramente, um novo boletim trará mais informações sobre este assunto tão denso e importante.

Acompanhe-nos!

Referências Consultadas:

- 1) Oliver M. (2006). Social work with disabled people. 3rd ed. Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan. ISBN 1403918384.
- 2) DuPaul GJ, Pinho TD, Pollack BL, Gormley MJ, Laracy SD. (2017). First-year college students with ADHD and/or LD: differences in engagement, positive core self-evaluation, school preparation, and college expectations. *Journal of Learning Disabilities*, 50(3), 238–251. <https://doi.org/10.1177/0022219415617164>.
- 3) Anderson AH, Carter M, Stephenson J. (2018). Perspectives of university students with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(3), 651–665. <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3257-3>.
- 4) Shah, P., Boilson, M., Rutherford, M., Prior, S., Johnston, L., Maciver, D., & Forsyth, K. (2022). Neurodevelopmental disorders and neurodiversity: Definition of terms from Scotland's National Autism Implementation Team. *The British Journal of Psychiatry*, 221(3), 577-579. doi:10.1192/bjp.2022.43
- 5) Ortega F. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana* [Internet]. 2008 Oct;14(Mana, 2008 14(2)). Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008>
- 6) Opinion | Temple Grandin: Society Is Failing Visual Thinkers, and That Hurts Us All - The New York Times <https://www.nytimes.com/2023/01/09/opinion/temple-grandin-visual-thinking-autism.html>

Autores



DRA. FABIOLA FERRER DEL NERO MECCA

- Pós Doutora em Distúrbios da Comunicação pela FM-USP
- Doutora em Educação Especial pela FE-USP
- Mestre em Educação Especial pela FE-USP
- Master in Audiological Sciences (Diagnóstico e reabilitação) pela UCL- Universidade de Londres
- Especialista em Audiologia pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia
- Coordenadora do Student Success Team (ensino fundamental) da escola Avenues São Paulo.
- Fonoaudióloga pelo curso de fonoaudiologia da FM-USP



PROF. DR. PIOTR HENRYK SKARZYNSKI

- Professor, Otorrinolaringologista, Mestre e Doutor pela Medical University of Warsaw;
- Realiza trabalho científico, didático, clínico e organizacional no World Hearing Center of Institute of Physiology and Pathology of Hearing, Institute of Sensory Organs and Medical University of Warsaw;
- Especialista em otorrinolaringologia, otorrinolaringologia pediátrica, fonoaudiologia e saúde pública;
- Participou da 3ª Reunião de Consulta no Fórum Mundial de Audição da Organização Mundial de Saúde (OMS).
- Membro do Roster of Experts on Digital Health da OMS;
- Vice-Presidente e Representante Institucional do ISfTeH;
- Presidente eleito do Conselho Consultivo Internacional da American Academy Otorology – Head and Neck Surgery (AAO-HNS);
- Membro do Departamento de Congressos e Reuniões da European Academy of Otolaryngology and Neuro-otology (EAONO), Representante Regional da Europa da International Society of Audiology (ISA), Vice-Presidente do Hearing Group, Auditor da European Federation of Audiology Societies (EFAS), membro do Facial Nerve Stimulation Steering Committee;
- Secretário do Conselho da Sociedade Polonesa de Otorrinolaringologistas, Foniátrios e Audiologistas. Membro da Comissão de Auditoria (2018–2019).
- Embaixador da Boa Vontade representando a Polônia no Encontro Anual e Experiência OTO da AAO-HNSF 2021 e, desde 2021, membro do Comitê de Dispositivos Auditivos Implantáveis e do Comitê de Educação em Otolaryngology e Neurootology da AAO-HNS.
- Comitê Consultor de Especialistas Internacionais do CPAM-VBMS, membro honorário da ORL Danube Society e membro honorário da Société Française d'Oto-Rhino-Laryngologie.
- Membro do Conselho do Centro Nacional de Ciências.



PROFA. DRA MILAINE DOMINICI SANFINS

- Pós-doutorado pelo World Hearing Center, Varsóvia, Polônia;
- Doutorado sanduíche pela Faculdade de Ciências Médicas pela UNICAMP e pela Università degli Studi di Ferrara/Italy;
- Especialista em Audiologia pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia;
- Fonoaudióloga e Mestre pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP);
- Professora de Pós-graduação em Audiologia Clínica pelo Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein;
- Coordenadora da Especialização em Eletroacústica e

- Eletrofisiologia pela Faculdade Inspirar;
- Professora convidada em cursos de graduação, especialização e pós-graduação;
- Revisora de artigos científicos na área de Neuroaudiologia, Neurociência e Audiologia;
- Membro do grupo de pesquisa do Institute of Physiology and Pathology of Hearing, Kajetany, Polônia